

Andrei Reina [Follow](#)

Oct 10 · 14 min read

Um futuro maior para a Osesp

Completando 10 anos como diretor artístico da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo, Arthur Nistrovski fala sobre a temporada de 2019, a sucessão de Marin Alsop na regência titular e os desafios da Sala São Paulo



Marin Alsop e a Osesp (Foto: Fabio Furtado)

2019 não será um ano comum para a Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo. Movida por uma série de efemérides—os 20 anos de inauguração da Sala São Paulo, os 50 do Festival de Inverno de Campos do Jordão e os 10 de Arthur Nistrovski como diretor artístico—, a Osesp reflete sobre o papel institucional e artístico que ocupa,

estimulada ainda por mudanças que se avizinham. Estão em jogo, afinal, os *Futuros do Passado* da orquestra, como sugere o título da temporada.

No ano que vem, a Fundação Osesp encerra o terceiro contrato de cinco anos com o governo do estado de São Paulo, tendo de sentar para negociar com integrantes da nova gestão, a ser eleita no final do mês. Além disso, 2019 terá ainda o anúncio do sucessor de Marin Alsop, que chega à sua última temporada como regente titular e diretora musical da orquestra.

Em seu ano de despedida, Alsop rege 26 concertos na temporada, com destaque para o encerramento do ciclo de sinfonias de Mahler (com a execução da 4ª e da 8ª) e para a participação no projeto *All Together: A Global Ode to Joy*, iniciativa do Carnegie Hall que convida orquestras do mundo todo para interpretar a *Ode à Alegria* de Beethoven nos idiomas locais.

Antes da abertura oficial da temporada, Isaac Karabtchevsky comanda três concertos gratuitos com obras de Camargo Guarnieri, que terá seus *Choros* gravados pela orquestra. A gravação é a primeira parte de um projeto que prevê um total de 10 CDs com peças de compositores brasileiros, em uma parceria da Osesp com o Ministério das Relações Exteriores.

Entre os solistas convidados, estão o violoncelista holandês Pieter Wispelwey, o pianista russo naturalizado americano Kirill Gerstein e o barítono brasileiro Paulo Szot. Entre os maestros, estão o suíço Stefan Blunier, o austríaco Thomas Zehetmair e a francesa Nathalie Stutzmann, que rege o Coro da Osesp na *Paixão Segundo São Matheus*, de Bach.

As efemérides—sempre elas—também influenciam as peças encomendadas para a temporada. O centenário de nascimento de Cláudio Santoro é celebrado, além de uma série de concertos com suas principais obras, com a estreia de uma homenagem composta pelo franco-brasileiro Januibe Tejera para o Quarteto Osesp.

Os 80 anos de Marlos Nobre, por sua vez, será comemorado com a estreia de nova obra do compositor pernambucano: um *Concerto para Violoncelo* a ser estreado por ninguém menos que Antonio Meneses. Uma *Missa Breve* de Arrigo Barnabé para coro, a recriação de 11 canções de Brahms por Flo Menezes e uma peça para coro e orquestra de Felipe Lara—baseada no livro *Ó*, de Nuno Ramos—completam as encomendas.

Para entender melhor quais são os próximos passos da Osesp, a **Bravo!** encontrou Arthur Nestrovski na Sala São Paulo, onde o diretor artístico falou sobre a próxima temporada, a sucessão de Marin Alsop, o momento vivido pela orquestra e o futuro da principal sala de concertos do país. Leia a seguir.

Recuperando os títulos das últimas temporadas da Osesp, tivemos, em 2016, *Estado de Escuta*; em 2017, *Mundo Maior*; e, neste ano, *Natureza dos Sons*. De alguma maneira, todos falam da relação da música com o exterior, com a realidade social, a história e a própria natureza. Para o ano que vem, a impressão é de que a Osesp olha para dentro, para sua própria história. Queria começar por aí. Por que *Futuros do Passado*?

Tem um motivo óbvio e um menos óbvio. O motivo óbvio é que, afinal de contas, a gente tem marcas redondas que precisamos comemorar e precisamos pensar sobre nós mesmos a partir dessas datas. Não dá para ignorar que a Sala São Paulo vai completar 20 anos de história e que nós vamos fazer o 50º Festival de Inverno de Campos de Jordão. E que é também a oitava e última temporada da Marin como regente titular e diretora musical da Osesp. Num plano muito menor, mas para mim muito significativo, são 10 anos meus também. Não se trata só de olhar para o passado, [é] olhar para o passado pensando no presente e tentando imaginar um futuro.

Como assim?

O título, para começo de conversa, é no plural. Não é “futuro do passado”. São futuros possíveis do passado, incluindo o passado que somos nós para as próximas gerações, para daqui 20 ou 50 anos. Por um lado, tem essa visão interna, de tudo o que se conseguiu nesse tempo: a importância do Festival de Campos de Jordão; a importância inegável da Sala São Paulo para a vida musical de São Paulo e do Brasil; tudo o que se conseguiu como Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo e todos os grupos que gravitam em torno à orquestra; todas as outras atividades que acontecem aqui em torno à atividade principal dos concertos da orquestra, [como] a editora de partituras, o setor educativo, as transmissões digitais, as gravações de disco, o Selo Digital, as transmissões por rádio. É todo um conjunto de atividades que se desenvolveu ao longo dos 20 anos de criação da Sala São Paulo e que acho que merece reflexão e comemoração.

E o motivo menos óbvio?

Não sei se você tem olhado as notícias sobre o Brasil e sobre o mundo. As coisas não vão bem. O mundo está num estado turbulento, preocupante—local, nacional e internacionalmente. É um tempo estranho, no mínimo. Um tempo de mudanças convulsivas em tantas áreas. E um dos nossos papéis aqui, e será sempre um papel importante, é dar continuidade e honrar este passado do qual nós somos consequência. No mínimo, garantir que o futuro não seja menor que o passado. Isso já não é pouca coisa, dadas as circunstâncias, dadas as dificuldades que essa instituição passou, tem passado e tem conseguido vencer. De um modo ou de outro, estamos aqui fazendo o que temos que fazer, apresentando uma temporada desse porte. Simplesmente garantir a continuidade desse projeto já demanda muito esforço e não significa pouco. Mas além disso, a gente imaginar o papel da instituição—da orquestra e da Fundação Osesp como um todo—no cenário local, nacional e até internacional a médio e a longo prazo é uma das coisas que nos compete fazer neste momento. Não só pelas datas redondas, mas pelas circunstâncias todas que estamos vivendo. Vai haver uma escolha de um novo diretor musical. Tudo isso está acontecendo simultaneamente e é importante que a gente pense sobre as consequências das decisões que tomamos.

Queria que você comentasse as encomendas da Osesp para o ano que vem. É interessante que ao mesmo tempo em que tem uma janela para novas obras, há mais duas efemérides entre elas: os 80 anos do Marlos Nobre e uma homenagem ao centenário do Claudio Santoro.

Desde sempre, mas marcadamente nos últimos 10 anos, a Osesp fez muita coisa de música brasileira. Ao contrário do que às vezes as pessoas dizem sem ter conhecimento da programação, acho que nenhuma outra orquestra no país tocou, editou e gravou tanta música brasileira quanto a Osesp foi capaz de fazer. É claro que o recente lançamento da caixa com a integral das 11 sinfonias de Villa-Lobos, com as partituras reeditadas, é o exemplo supremo. Mas até por uma questão de contrato com a Secretaria de Cultura, faz parte do nosso plano de trabalho encomendar pelo menos quatro obras de autores brasileiros por ano, todos os anos—duas para orquestra e as outras duas podem ser para qualquer formação. No caso das duas efemérides, a gente pôde combinar as duas coisas. Para o Centenário Santoro, vamos tocar a Sinfonia nº 7, o Quarteto de Cordas vai tocar *o Ponteio*, [o pianista] Nahim Marun vai tocar *Prelúdios* no recital com [o barítono] Paulo Szot e é possível que tenhamos mais coisas nos recitais dos pianistas que ainda não definiram completamente seus programas.

No Festival de Inverno, é claro que vamos dar um foco especial para Claudio Santoro.

E o Nobre?

Marlos Nobre, 80 anos, em franca atividade. Claro, [vamos] comemorar e homenagear um importante compositor brasileiro do melhor modo: encomendando mais música. Tem um fato aí que as pessoas ainda não se deram conta da excepcionalidade do que vai acontecer. A Osesp está capitaneando um consórcio de orquestras brasileiras. Até onde a gente sabe, nunca foi feito antes. Convidamos a Filarmônica de Minas Gerais, a Filarmônica de Goiás, a Petrobras Sinfônica e ainda a Orquestra Gulbenkian de Lisboa para serem nossas parceiras nessa encomenda de um concerto para violoncelo, a ser tocado pelo Antonio Meneses em todas as orquestras. A peça vai ser estreada aqui, mas depois será tocada em Belo Horizonte, Goiânia, Rio de Janeiro e em Lisboa, pelo menos. Isso é significativo e é também um sinal da solidariedade necessária entre as instituições, ainda mais no momento em que estamos vivendo, tão difícil para todo mundo, com dificuldades financeiras e, em muitas casos, falta de entendimento de como funciona o modelo de gestão delas. As instituições serem parceiras, mostrarem que estão juntas, que apoiam a música brasileira, que podem fazer projetos em parceria e que são muito mais companheiras que rivais é importante nesse momento. É um sinal também de amadurecimento e de força do cenário musical sinfônico brasileiro.

Pensando no ciclo da Marin Alsop à frente da Osesp, eu reli algumas entrevistas da época em que ela foi anunciada, em 2011. Era muito mencionado o fato de que aquele era um momento em que a orquestra estava expandindo o seu território internacionalmente. Além de pedir um pequeno balanço desses anos, gostaria de saber se isso será um critério. Vocês já estão pensando em um perfil de regente para a sucessão?

Quando a Marin veio, [a internacionalização] era uma das coisas, não era só. A qualidade número um, dois e três de qualquer pessoa que for convidada para ser diretor musical—como foi o caso da Marin, como será o caso no futuro—é excelência artística. Em primeira lugar, a gente visa sempre o desenvolvimento da orquestra. Agora, claro que havia uma intenção, quando a gente chamou a Marin, de expandir o prestígio da orquestra, local e internacionalmente. E isso tem vários papéis.

Quais?

É claro que queremos mostrar o que fazemos, queremos levar música brasileira para ser tocada fora daqui, temos orgulho de mostrar o que foi possível fazer artisticamente numa instituição do Brasil. Mas vai mais longe do que isso. Quando você participa do cenário internacional, quando está tocando no festival BBC Proms, em Lucerne, em Edimburgo, na Philharmonie de Berlim, na Konzerthaus de Viena, no Royal Festival Hall—na temporada principal, apresentados por essas instituições—isso tem uma repercussão significativa para o próprio meio. A temporada que somos capazes de fazer aqui é uma consequência direta do grau de exposição internacional da orquestra. Se a orquestra se fechar, se achar por bem que faremos uma temporada essencialmente regional, com os artistas e talentos daqui, você está se fechando para o diálogo internacional neste patamar. Agora, aparecer nestas condições, aparece para o público, mas aparece também para o mercado, para os agentes, para os artistas, para os críticos, para os jornalistas.

Quais consequências isso tem trazido?

Uma das consequências é a qualidade de regentes e solistas que temos conseguido trazer, porque eles querem conhecer São Paulo, sabem que a orquestra é de alto nível, que a Marin é a regente titular, que tocamos nos Proms. Tem um interesse porque é a orquestra que está na liderança musical do continente latino-americano. É interessante para o artista, os agentes sabem disso e, uma vez que eles vêm, já conhecem e querem voltar. A gente ter, modéstia à parte, a qualidade dos regentes e solistas que têm vindo regularmente, eu posso te dizer de boca cheia: é comparável a das melhores orquestras em atividade. Isso também é uma consequência dessa visibilidade internacional e tem um papel estratégico.

E quanto ao perfil do sucessor?

Eu não posso revelar nada do comitê de busca, mas é óbvio que não queremos regredir. Não queremos andar para trás. Trabalhamos tanto para estar onde estamos que no mínimo você quer um regente que seja do mesmo nível musical ou melhor, para garantir que a orquestra continue crescendo artisticamente. E você quer uma pessoa compatível com o grau de exposição e de prestígio conquistado—da Marin e da própria orquestra. Você não pode sair do patamar que a gente está para uma pessoa de muito talento que não conquistou ainda esse tipo de relacionamento, porque isso vai ser prejudicial a médio prazo para os

planos da própria orquestra. Tem muitos fatores que são discutidos, mas essencialmente não queremos regredir. Queremos que o futuro deste passado seja compatível ou ainda maior que o presente que nós temos hoje, fruto do que a gente fez nos últimos anos.

O que você imagina para os próximos 20 anos da São Paulo?

A coisa mais importante que a gente sonha—e na nossa medida estamos trabalhando para isso, mas não depende só de nós—é abrir a Sala. O que queremos é que a Sala fique aberta para essa praça, para essa região, que possamos acolher a população que aos poucos vai se mudando para esses prédios todos que estão sendo construídos. O que gostaríamos de ver mesmo é a revitalização dessa região e a criação de condições de urbanismo e de vida social viável que permitam que a gente se abra. Com os anos muito difíceis que tivemos aqui, por conta da situação de saúde pública que se criou, isso exigiu uma espécie de entrincheiramento da Sala, que era simplesmente uma condição necessária para viabilizar as atividades que fazemos sem por em risco as pessoas que transitam por aqui. Tudo o que queremos—e eu imagino que será a transformação mais importante da Sala, se as coisas correrem bem—é que ela se torne de novo aberta e que vire de verdade um centro de convivência e inclusive de pesquisa e de estudo. Nós temos um centro de multimeios com um importante acervo musical, bibliográfico e discográfico que é pouco consultado. Pouca gente sabe que isso existe e de qualquer maneira o acesso é difícil, vir até aqui não é a coisa mais simples durante o dia. Tudo o que gostaríamos é que a Sala tivesse esse tipo de vivência cotidiana.

E qual lugar ela ocupa na cidade hoje?

É difícil para alguém que não viveu em São Paulo antes da Sala São Paulo imaginar a diferença que ela fez. O que eu posso dizer, sem sobra de dúvida, é que esses 20 anos passados são sem menor hesitação os anos de ouro da música clássica da cidade de São Paulo. Nunca, antes disso, se teve regularmente a quantidade de atividades musicais de alto nível nacional e internacional como parte da vida da cidade. As pessoas se acostumaram rapidamente com isso, mas nunca houve nada parecido antes, com essa frequência e essa intensidade. Nossa responsabilidade é zelar para que isso continue. Historicamente, num futuro distante, alguém vai olhar e dizer: “É inacreditável o que acontecia ali, pensando no que eram as condições antes disso”. Eu espero que a Sala continue sendo um centro de excelência musical, mas que ela ganhe uma nova vida comunitária e aberta em moldes que até hoje não foram possíveis.

Queria que você fizesse um balanço dos seus 10 anos como diretor artístico. Grosso modo, existem duas principais demandas que se colocam para grandes instituições de música de concerto como a Osesp. Por lado, pede-se que elas democratizem o acesso à música de concerto, o que em geral envolve preços populares e repertório acessível. Por outro, que tornem disponível a um público mais amplo a produção da segunda metade do século 20 e do século 21, que se abram a experimentações. Como a Osesp as tem enfrentado?

Por um lado, a gente quer expandir o público sempre, quer democratizar o acesso e acho que isso se cumpriu. Claro que temos um limite físico: cabem 1484 pessoas na sala, não dá para botar mais do que isso de cada vez. Uma das formas de fazer isso foi através de tecnologia, [com] transmissões digitais. Fazemos concertos gratuitos aos domingos de manhã de oito a dez vezes por ano (da Osesp, fora outras instituições); tem séries de concerto a preço popular, como foi a série Grandes Clássicos e tal como teremos também a maratona Jovens Solistas, que será regular em todas as temporadas; tem os ensaios abertos. Várias iniciativas foram criadas com o intuito de favorecer e fortalecer o acesso do maior número possível de pessoas.

E a segunda demanda?

Eu diria que não se trata só de segunda metade do século 20 e de música contemporânea, embora [elas] sejam, vamos dizer, a música do nosso tempo. É claro que para mim é importantíssimo que isso seja apresentado. Ao contrário do que gostariam alguns frequentadores, a música de concerto não é um museu, não é uma coleção fechada. “Nós já temos e acabou, não se faz mais nada e a gente vai ficar ouvindo para sempre essas obras maravilhosas, faremos uma espécie de rodízio de 75 grandes obras”. Tem muitas orquestras que por motivos financeiros são mais ou menos obrigadas a fazer algo parecido com isso. A gente felizmente não. O espírito aqui nunca foi esse. A Osesp hoje é uma orquestra que toca um repertório muito variado. A Osesp hoje faz um arco muito grande, desde o barroco até a música do nosso tempo. Isso para mim é uma temporada equilibrada. Ela tem uma boa dose de obras do cânone, que sempre vai ter que fazer e é importante inclusive para a orquestra—um dos nossos papéis é tocar Brahms, Schumann, Beethoven, Mozart e Haydn da melhor forma possível, é uma referência crucial. Mas é importante também tocar obras menos conhecidas dos grandes autores. É importantes tocar compositores menos conhecidos, de todos os períodos. Quer dizer, o repertório é muito mais amplo e acho que a Osesp tem uma programação marcadamente variada,

comparada a tantas outras. E é importante ter um vínculo com a música do nosso tempo, participar disso e estimular a criação musical. Isso revitaliza a plateia e a relação que temos com a própria música do passado e mostra que isso aqui é uma instituição viva, que conversa com o seu tempo. Mas ela tem que cumprir todas essas funções. Faz parte da natureza de uma orquestra sinfônica desse porte tentar (pelo menos) cumprir as várias responsabilidades: apresentar a música do passado do melhor modo, apresentar os vários períodos musicais da melhor forma, incluir um número de obras que são tecnicamente importantes para o desenvolvimento da própria orquestra e continuar provocando a nós mesmos e a plateia com novidades do passado, do presente e do futuro. É um pouco de tudo.

E quanto aos seus anos como diretor artístico?

Uma coisa que eu acho que consegui fazer e imprimir, ou pelo menos ampliar em relação ao que se fazia antes, é dar um espírito de curadoria para a programação como um todo. A temporada sinfônica tem uma série de eixos, que constroem vínculos dentro da temporada e também conversam com as outras temporadas de câmara que acontecem aqui. E um espírito de curadoria para cada programa, porque eu acho que cada vez mais a experiência do concerto em si tem que ser uma experiência diferente de ouvir um CD. Não só porque você está ouvindo ao vivo, mas a construção do programa como um todo é diferente de você simplesmente botar um CD. A forma como os programas são construídos, a relação entre as obras, isso tudo eu acho que é uma marca da programação da Osesp e que de alguma forma ajudei a salientar. É claro que eu tenho a satisfação de ter podido convidar um grande número de grandes artistas da atualidade pela primeira vez à Sala. Criamos uma relação regular e importante com muitos deles. Tudo isso faz parte desse esforço, afinal de contas, de manter excelência, espírito de inovação e comprometimento. Excelência, sempre; inovação, porque é o que nos faz continuar indo adiante; e comprometimento, porque nós estamos no meio da Luz, no meio da cidade de São Paulo e não podemos nos esquecer disso.

